

Nas tramas da razão e emoção

Verena Santos Andrade Ferreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: verena0806@yahoo.com.br

Geneci Libarino Figueredo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: geneciev@gmail.com

Luelta dos Santos Cardoso Neves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: luelta_pw@hotmail.com

1750

Palavras-chave: Pensamento Complexo. Aprendizagem. Ensino. Religião

INTRODUÇÃO

O entendimento da função social da escola pode variar conforme orientações pessoais e políticas dos sujeitos envolvidos, mas a aprendizagem sempre esteve no centro das discussões pedagógicas, de modo a garantir a apropriação de conhecimentos socialmente considerados relevantes. Geralmente, esses saberes são reduzidos a conceitos, regras e fórmulas, porque, tradicionalmente, a Educação é pensada de forma técnica, privilegiando a cognição, compreendida como fenômeno objetivo, para alcançar fins instrucionais que, comumente, atendem aos objetivos do mercado.

As ideias iluministas, no século XVIII, contribuíram com o movimento de enaltecimento da razão como forma de responder aos problemas sociais, opondo-se aos dogmas religiosos que justificavam as estruturas políticas e culturais da época. Tal movimento favoreceu a disseminação da crença de que o conhecimento conduziria a sociedade a melhores condições de vida de seus sujeitos, o que terminou por favorecer a consolidação da razão instrumental, reduzida a operações formais para atingir determinados objetivos. Fato é que a razão libertou o ser humano de alguns mitos¹, mas criou outros, como o mito da razão como solução os problemas da humanidade.

¹ De acordo com o Método 5 (Morin, 2007, p.42), “Os mitos são narrativas recebidas como verdades que comportam infinitas metamorfoses (...)”.

Seguindo o pensamento vigente, a escola, cujo processo de democratização iniciou-se a partir da Revolução Francesa e Industrial, se apropriou da “razão” e aprendizagem foi confundida com a capacidade de processar informações, refletindo a lógica monolítica e impessoal na construção do conhecimento. Desde então, bem a gosto do pensamento moderno, a escola segue privilegiando a cognição e negligenciando as emoções do sujeito.

Esse texto oferece uma releitura da relação dialógica entre razão e afetividade, tendo como base as ideias do Pensamento Complexo de Edgar Morin, e, a partir de outras leituras de pesquisadores que tratam do assunto aqui em discussão, busca chamar a atenção para a necessidade de regenerar o olhar para o sujeito da aprendizagem, compreendendo-o em suas múltiplas dimensões de forma complexa, isto é, entrelaçada, num contexto de tantos desafios na sociedade e, especialmente, no Ensino.

A religião

Durante muitos séculos, vimos a apologia da razão em detrimento das emoções, considerada como aspecto de menor importância na constituição do ser humano. Em Vygostky, um dos pesquisadores mais citados na Educação e na Psicologia, podemos encontrar uma relação entre ambas dimensões.

Estamos a pensar na relação entre o intelecto e o afeto. A sua separação como objetos de estudo é uma importante debilidade da psicologia tradicional pois que faz com que o processo de pensamento surja como uma corrente autônoma de “pensamentos que pensam por si próprios”, dissociada da plenitude da vida, das necessidades e interesses, das inclinações e dos impulsos pessoais de quem pensa. Tal pensamento dissociado terá que ser considerado quer como um epifenômeno sem significado, que não poderá alterar de maneira nenhuma a vida e a conduta de uma pessoa, quer como uma espécie de força primeira que influenciaria a vida pessoal de uma forma inexplicável, misteriosa. (Vygotsky, 2001, p.14).

O excerto acima sugere uma relação de causa e origem entre intelecto e afeto, e, sabe-se hoje que, conforme Almeida (1999, p.29) “a inteligência não se desenvolve sem afetividade, e vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários.” A despeito dessa “unidade de contrários”, Morin (2005b) adverte que o pensamento ocidental foi construído através de concepções dualistas e excludentes, e a ciência a partir dos princípios da simplificação e da redução:

A simplificação aplicava-se a esses fenômenos por separação e redução. A primeira isola os objetos não só uns dos outros, mas também de seu ambiente e de seu observador. [...] Assim, o pensamento redutor atribui a “verdadeira” realidade não às totalidades, mas aos elementos; não às qualidades, mas às medidas; não aos seres e aos entes, mas aos enunciados formalizáveis e matematicáveis. (Morin, 2005b, p.27)

Seguindo esse modo de pensar, a escola simplificou a aprendizagem e o sujeito à sua cognição, e a tratou como a expressão de sua totalidade. A esse olhar simplista, redutor, o autor propõe um olhar complexo, no sentido de que “a compreensão complexa é multidimensional; não reduz o outro a somente um de seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as diversas dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa” (Morin, 2005a, p.112). As ideias apresentadas por esse pesquisador são conhecidas como Pensamento Complexo e propõe um modo de pensar a realidade e a construção do conhecimento que se contrapõe aos pilares sobre os quais a Ciência Moderna foi erguida: os pilares da ordem, da linearidade, da simplificação e da redução, na tentativa de melhor compreender o objeto de estudo. A esses pilares, o referido autor contrapõe os princípios da complexidade, que favorecem um modo de pensar que articula e relaciona as diferentes partes de um todo, reconhecendo-as, ao mesmo tempo, como autônomas e interdependentes, através dos princípios recursivo, dialógico e o hologramático que permitem ultrapassar o modo de pensar linear e religar saberes, comumente dissociados pelo pensamento redutor.

Compreender o binômio razão-emoção, construído pelo pensamento linear, a partir dos princípios da complexidade, significa reconhecê-las como um continuum que se influencia mutuamente, num movimento recursivo, e não mais linear, como prevê o pensamento clássico. O movimento recursivo ultrapassa a relação causa e efeito, característica do pensamento linear, e pensa cognição e emoção como um movimento circular cujos efeitos retroagem sobre as causas e as modificam, que por sua vez, provocam novos efeitos e assim sucessivamente.

Tal compreensão significa não mais pensar que a afetividade, comumente atribuída a sentimentos de gostar ou não gostar, pode favorecer a aprendizagem de determinado conteúdo, em se tratando de aprendizagem escolar, como geralmente acontece nos espaços educacionais. Pensá-la numa perspectiva recursiva significa dizer que a afetividade participa da construção da razão e que esta também participa das construções da afetividade, ou seja, ambas modificam-se mutuamente, conforme argumenta Daniel Goleman:

Essas duas mentes, a emocional e a racional, na maior parte do tempo operam em estreita harmonia, entrelaçando seus modos de conhecimento para que nos orientemos no mundo. Em geral, há um equilíbrio entre as mentes emocional e racional, com a emoção alimentando e informando as operações da mente racional, e a mente racional refinando e, às vezes, vetando a entrada das emoções. (Goleman, 2011, p.38)

Pensar que as emoções participam das ações ditas racionais e que as modificam, sendo também modificadas por elas, incide no princípio dialógico do Pensamento Complexo, que não nega as diferenças entre esses dois sistemas ao tempo em que reconhece que essas diferenças não só não podem ser resolvidas como são necessárias à vida humana. Afeto e razão são diferentes, se complementam e se influenciam mutuamente. Não é possível conceber um sujeito que seja apenas razão, assim como não há aquele que seja puramente emoção. E, se se complementam e influenciam-se mutuamente, não há entre eles uma relação de hierarquia, como fez a Educação, ao privilegiar os aspectos cognitivos.

Compreendendo a relação entre razão e emoção a partir dos operadores do Pensamento Complexo, podemos concluir que essas duas dimensões do sujeito conservam suas especificidades, mas influenciam-se e modificam-se mutuamente, estando presente uma na outra e vice-versa. É necessário ter essa compreensão, pois quando a dimensão emocional é inserida no contexto escolar, muitas vezes está associada às interações afetivas entre alunos e professores, as quais podem influenciar positivamente ou dificultar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, ou ainda na ação mediadora do processo educacional, conforme explicado Leite (2012), que, dentre outras decisões, propõe que a escolha dos objetivos de ensino deve considerar a dimensão afetiva dos sujeitos que, na perspectiva do autor, deve estar relacionada à relevância dos mesmos para a comunidade escolar e para o estudante, “o que aumenta as possibilidades de que se estabeleçam vínculos afetivos positivos entre os alunos e os objetivos abordados” (idem, p.363), o que reitera a dimensão relacional citada acima.

Atualmente, é muito comum o reconhecimento do papel da afetividade na construção do conhecimento, mas ainda se percebe a valorização do aspecto cognitivo, de modo que a afetividade é reconhecida ou valorizada como aspecto que favorece o desempenho cognitivo, colocando-a a serviço de uma razão instrumental. O entendimento dialógico da relação razão e emoção implica valorizá-las sem que uma esteja a serviço da

outra, reconhecendo que as fronteiras entre ambas não são claras nem rígidas. Isso, certamente, é um desafio para os profissionais da Educação, pois o percurso da religação é um caminho complexo que acolhe a errância, a emergência, a incerteza, a esperança e amor!

Considerações finais

Desde a Antiguidade, o sujeito vem sendo fragmentado e sua cognição tem sido mais valorizada, em detrimento das emoções. A escola, através de seus programas, reproduz esse entendimento. Por outro lado, os desafios sociais, as novas descobertas científicas e pesquisas que trazem um outro olhar para a condição humana, para a relação com o conhecimento e para sociedade, possibilitam conceber entendimentos diferentes e, a partir deles, estabelecer diálogos, trocas, entrecruzamentos. Permitem a possibilidades de novos olhares, novas aventuras, novos riscos... Sabemos que esse movimento não é fácil pois a Humanidade, há séculos, reproduz um modo de pensar específico. É especialmente desafiador para a área educacional, que se desenvolve na intersecção de diversas subjetividades, interesses e realidades diversas. Mas a história já revelou muitas transformações sociais que foram construídas lentamente ou pela revolução. E os desafios atuais invocam novas formas de pensar e sentir. Nesse propósito, esse texto buscou percorrer os caminhos da razão e da emoção, possibilitando reflexões acerca do tema, que possam instigar a construção de possibilidades epistemológicas para a sua religação.

1754

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Trad. Marcos Santarrita. E-book. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4133507/mod_resource/content/2/Inteligencia-emocional-Daniel-Goleman.pdf. Acesso em 19 mai.2022.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Revista Temas em Psicologia**. Vol.20, nº 2, 2012. p. 355-368. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 jun.2022.

MORIN, Edgar. **O método 6**. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

_____. **Ciência com Consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8 ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.

_____. **O método 5**. A humanidade da humanidade, a identidade humana. Trad. Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Edição Eletrônica Ridendo Castigat Mores. 2001. E-book. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>. Acesso em 30 jun.2022.